O papel da Teoria Gramatical no ensino de línguas estrangeiras

Carlos Felipe da Conceição Pinto[1]
Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP/FAPESP

1. INTRODUÇÃO[2]

Este trabalho tem a finalidade de discutir algumas relações entre a Teoria Gramatical e o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. A primeira parte do trabalho está dedicada a discussões relacionadas com o processo de aquisição da linguagem (L1) dentro de uma visão gerativista, o formato do modelo teórico, questões referentes à variação (diferenças) entre e dentro das línguas com respeito à sintaxe, considerando que também é possível tratar variedades de uma mesma língua dentro de um modelo de Princípios e Parâmetros e qual é sua possível relação (do modelo teórico) com o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras tendo em conta o papel a Gramática Universal que pode ter neste processo. Na segunda parte, serão discutidas, por fim, questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (observando sobretudo a relação entre falantes de português que aprendem espanhol), mostrando que um maior conhecimento da Teoria Gramatical pode ajudar os professores a detectarem erros na produção de seus alunos e corrigi-los com mais facilidade[3].

2. A AQUISIÇÃO DE L1 NA VISÃO GERATIVISTA

A pergunta crucial feita por Chomsky (1975) é: Como aprendemos tanto em tão pouco tempo? Diante dessa pergunta, Chomsky propõe que o aprendizado de língua materna se deve a uma capacidade inata e inerente à espécie humana, que guia a criança no processo de aquisição da língua (e, indo mais além, do conhecimento. CHOMSKY, 1975, argumenta que só podemos aprender/perceber aquilo que estamos preparados geneticamente para aprender/perceber). Desta forma, se

---

1 Aluno do curso de Doutorado em Lingüística da UNICAMP, com bolsa de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Agradeço a André Antonelli, Bruno Rafael Silva e Cristiano Lessa pela leitura prévia do texto. Todos os erros que existirem são de minha inteira responsabilidade.

2 Este texto pretende discutir exclusivamente os aspectos sintáticos das línguas. Embora algumas questões possam ser levadas para outros níveis de análise, a preocupação central deste trabalho está na sintaxe das línguas humanas.

3 Vale destacar também que esse referencial teórico se refere a um conhecimento que o professor deve ter sobre os sistemas lingüísticos (língua materna e língua estrangeira) e não a uma aplicação prática com seus alunos, como um método ou enfoque. Este trabalho não tem a finalidade de propor que esse referencial teórico do gerativismo seja utilizado em cursos de idiomas ou colégios de ensino regular, mas que seja um conhecimento pertencente à formação teórica e profissional do docente.

faz necessário um algoritmo que explique o fenômeno da aquisição da linguagem[4].

Fazendo algumas considerações gerais sobre o Programa Minimalista, Chomsky (1993; 1995) assume que a linguagem faz parte do mundo natural. Essa assunção deriva do fato de que Chomsky (1993; 1995), como visto acima, entende que os seres humanos são dotados de uma faculdade da linguagem, que é uma capacidade especifica e inerente à espécie humana de gerar *descrições estruturais* (*structural descriptions*). A teoria das línguas e as expressões que elas geram é chamada de Gramática Universal (*Universal Grammar*-UG), que é entendida como o estado inicial do componente relevante da faculdade da linguagem[5].

Assumindo-se que a UG é o estado inicial So da faculdade da linguagem, com princípios invariantes com um pequeno espaço para variação, uma criança no estágio So, ao entrar em contato com input (os dados lingüísticos primários), ou seja, os dados lingüísticos aos quais está exposta na fase de aquisição da linguagem, vai gerar uma gramática de uma língua particular, semelhante à gramática adulta, como ilustrado em (1):

(1) Input → UG → GL

O exemplo em (1) pode ser traduzido no exemplo em (1) a seguir:

(2) Língua X → $S_{0\ UG}$ → Gramática da língua X

O que os exemplos em (1) e (2) acima mostram é que, ao estar exposta a uma determinada língua X, a criança[6] dotada dessa capacidade inata para aquisição da linguagem, irá filtrar os dados aos quais está exposta gerando uma gramática semelhante à gramática da comunidade/adultos com a qual teve contato. Assim, a criança já nasce com todos os princípios determinados pela UG e com os parâmetros abertos, que serão fixados no momento da aquisição[7].

Dentro desta visão, uma criança nasce predeterminada, por exemplo, a saber que todas as sentenças têm sujeito sintático; porém, devem escolher se sua língua é uma língua que realiza esses sujeitos obrigatoriamente (como é o caso do inglês

---

4 Para uma apresentação mais ampla do processo de aquisição, ver Radford (1997), Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2004) e as referências contidas aí.

5 Para discussões mais antigas sobre a faculdade da linguagem e a capacidade inata de aquisição de linguagem, ver por exemplo Chomsky (1975). Ver também Chomsky (1986; 2002; 2006).

6 Radford (1997) apresenta uma síntese dos argumentos utilizados em favor da hipótese inatista da aquisição da linguagem. Observe-se que toda e qualquer criança, a menos que tenha alguma patologia cerebral, adquire pelo menos uma língua materna. Observe-se também que a aquisição da linguagem não está relacionada a questões motoras nem cognitivas. Uma criança pode ser péssima em habilidades físico-motoras ou em raciocínio lógico etc. porém, é capaz de se comunicar perfeitamente.

7 Por essa razão, a aquisição da linguagem é tida como o lugar da mudança lingüística. Para uma visão da mudança lingüística dentro do gerativismo, ver por exemplo, Lightfoot (1993), Kroch (2001) entre outros. Fontana (1993) e Ribeiro (1995) apresentam uma boa discussão sobre a mudança lingüística numa visão gerativista tendo em vista que trabalham com mudanças sintáticas no espanhol e no português respectivamente.

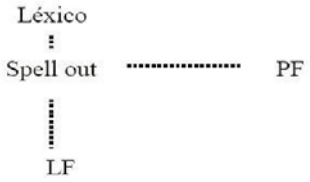
e do francês, por exemplo) ou se a sua língua pode deixar o sujeito oculto (como é o caso do espanhol e do italiano, por exemplo). Tudo o que a criança precisa fazer é identificar o tipo de língua a que está exposta. Assim, a criança seleciona (marca) os seus parâmetros e descarta os demais parâmetros que não foram utilizados no processo de aquisição.

3. O FORMATO DO MODELO E A VARIAÇÃO DAS LÍNGUAS HUMANAS

Seguindo a proposta do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995), a faculdade da linguagem é composta por dois sistemas de performance (um sistema conceitual-intencional (C-I) e outro articulatório-perceptual (A-C)[8], que formam os níveis de interface Forma Lógica (*Logical Form* – LF) e Forma Fonética (*Phonetic Form* – PF) respectivamente, e dois componentes (um léxico e um sistema computacional). Desta forma, Chomsky (1993; 1995) assume que o que se espera de variação entre as línguas concerne ao que é visível; isto é, à PF e alguns aspectos do léxico[9].

Os modelos mais antigos da teoria assumiam a existência de uma *Estrutura Profunda* (*Deep Structure* – DS), que fazia interface com o léxico, uma *Estrutura Superficial* (*Surface Structre* – SS), derivada da DS, onde as línguas apresentavam variação, uma PF, que pronunciava a sintaxe, e uma LF, invariável entre as línguas, que interpretava a sintaxe. No entanto, dentro do Programa Minimalista, somente elementos motivados conceitualmente devem ser postulados, o que força a eliminação de DS e SS como níveis de representação, permanecendo apenas os sistemas C-I e A-P como níveis de interface[10]. Assim, o formato do modelo é o representado em (3) abaixo:

3)



O formato do modelo, em (3), ilustra que os itens são retirados do léxico e entram no sistema computacional[11]. Em um determinado momento, a derivação é pronunciada por *Spell out*. Em seguida o processo continua até que a derivação tenha as partes relevantes enviadas para os respectivos níveis de interface. O que

8 Chomsky (2006) chama o sistema A-C de *sensorimotor*.

9 Vale destacar que o que é variável em PF é o que a criança ouve. Por exemplo, crianças japonesas ouvem os elementos WH in-situ; crianças americanas ouvem os elementos WH fronteados. Porém, em LF, ambas as crianças processam/interpretam o elemento WH na mesma posição.

10 Ver a discussão original em Chomsky (1993; 1995). Para uma discussão com elementos mais recentes, ver Hornstein, Nunes e Grohmman (2005).

11 Observar que o contato entre léxico e sistema computacional não é direto.

acontece antes de *Spell out* faz parte da sintaxe visível e o que acontece após *Spell out* faz parte da sintaxe invisível.

Desde modelos mais antigos da Teoria dos Princípios e Parâmetros, se assumiu que as línguas são compostas por princípios invariantes com um limitado número de parâmetros valorados binariamente[12]. Dentro dessa visão, a variação entre as línguas se dá na marcação [0 ou 1] de um determinado parâmetro[13]. Por exemplo, existe um Princípio da Projeção Extendido (EPP), que determina que todas as sentenças têm sujeito. As línguas podem marcar o parâmetro [+sujeito nulo] ou [-sujeito nulo]. Línguas que marcam a primeira opção serão como o espanhol, ilustrado em (4); línguas que marcam a segunda opção serão como o inglês, ilustrado em (5):

(4) a. Bailo salsa todos los días.
b. Llueve.

(5) a. I dance salsa all the days.
b. It rains.
b′. *rains.

Nos exemplos em (4), ambos os verbos não apresentam sujeito realizado fonologicamente: em (4a), existe um sujeito semântico, recuperado pela desinência do verbo; em (4b), o verbo «llover» é um verbo metereológico e, portanto, não tem sujeito semântico. Por outro lado, os exemplos em (5) mostram que ambos os verbos devem ter seus sujeitos realizados. No caso de (5b), que apresenta um verbo metereólogico, que não requer um sujeito semântico, um elemento vazio semanticamente deve ser realizado para satisfazer requisitos gramaticais, conforme determina o EPP.

Como o Programa Minimalista abandona certos conceitos das versões antigas da teoria, o conceito de parâmetro precisa ser reformulado[14] e Chomsky (1993) assume que a variação entre as línguas se restringe às propriedades formais do léxico. Dito de outra maneira, as línguas vão variar a depender da força dos traços formais do seu léxico funcional. Assim, a diferença entre línguas com ordem [V-Adv], como o francês, e línguas com ordem [Adv-V], como o inglês, como foi discutido em Pollock (1989), estará relacionada com a força dos traços verbais: se a língua tem traços verbais fortes o suficiente, o verbo se move para uma projeção superior ao VP[15], derivando a ordem [V-Adv], como é o caso do francês; do

---

12 Para uma introdução à discussão de Princípios e Parâmetros, dentro de uma visão minimalista, ver Radford (1997).

13 Raposo (1992), por exemplo, discute se o parâmetro começa em uma posição neutra e a criança, na aquisição, muda para 0 ou 1, ou se o parâmetro começa já em uma posição 0 ou 1 pré-definida e, na aquisição, a criança mantém ou muda o parâmetro a depender da língua à qual está exposta.

14 Para um estudo da evolução da noção de parâmetro na gramática gerativa, ver o estudo de Kato (2002).

15 Chomsky (1993; 1995) segue princípios de economia derivacional, tais como *Greed* e *Procrastinate*, e propõe que os movimentos sintáticos sejam motivados e de último recursos. Assim, se os traços de tempo forem fortes, Tempo atrai V; caso contrário, V procrastina.

contrário, o verbo se mantém dentro do VP, derivando a ordem [Adv-V], como é o caso do inglês[16].

4. O ESPANHOL E A VARIAÇÃO INTRALINGÜÍSTICA

Toribio (2000) diz que a Teoria dos Princípios e Parâmetros tem se ocupado com a pesquisa interlingüística, comparando línguas diferentes, como comentei na seção acima. Já a pesquisa intralingüística, que compara dialetos de uma mesma língua, tem sido desenvolvida primordialmente dentro de uma visão sociolingüística. No entanto, seguindo as idéias propostas por trabalhos pioneiros sobre o inglês de Belfast, a autora propõe que variedades de uma mesma língua também podem ser analisadas dentro de uma visão da Teoria da Gramática e podem fornecer elementos interessantes para uma melhor compreensão da Gramática Universal.

O espanhol tem sido descrito e explicado de forma ampla dentro de uma visão gerativista (cf. Bosque e Demonte, 1999). No entanto, os estudos dentro de uma visão da variação paramétrica entre as diversas variedades têm sido relegados[17]. Considerando a proposta de Kroch (2001), por exemplo, de que contato de línguas altera gramática, é de se esperar, intuitivamente, tendo em vista as características socio-históricas do espanhol, que as diferentes regiões apresentem algumas características sintáticas diferentes, haja vista que estiveram condicionadas a contatos de línguas diferentes. Desta forma, com base em dados do espanhol dominicano, Toribio (2000) providencia uma análise dentro dessa perspectiva de variação paramétrica[18], comentando que a mudança fonética que sofreu o fonema [-s], no Caribe, em posição final de palavra, alterou o sistema morfológico verbal de segunda pessoa do singular e, conseqüentemente, desencadeou mudanças na sintaxe da região.

O que deve ser ressaltado, dentro desta visão, é que variedades lingüísticas podem ser consideradas sistemas lingüísticos diferentes, tanto mais se é considerada a distinção entre língua-E e língua-I, como proposto por Chomsky (1986) e discutido por diversos outros autores. Isso quer dizer também que, mesmo que diferen-

16 A discussão está sendo apresentada de maneira simplificada. No entanto, há duas formas, pelo menos, de tratar a questão: a) Chomsky (1993; 1995) propõe que haja movimento coberto (após *Spell out*) do V; b) Hornstein, Nunes e Grohmman (2005) apresentam a possibilidade de mova-f (movimento de traços), que elimina *Spell out* do sistema computacional, e diz que, se os traços são fortes, o item lexical inteiro se move; se os traços são fracos, apenas os traços são movidos e a matriz fonológica permanece *in-situ*.

17 Um exemplo desse «descaso» pode ser visto se se comparam os estudos de Toribio (1992) e Bosque (1999). Bosque (1999) critica a posição de Toribio (1992) ao postular um operador nulo em construções como «Comí fue papas» tendo em vista que Toribio (1992) propõe que o sujeito não pode ser focalizado nessa posição tendo em vista violação de ECP. Bosque (1999) discute dados de outros autores e mostra que o sujeito pode ser focalizado com este tipo de construção. O que é interessante notar é que Toribio (1992) utiliza dados do espanhol dominicano e Bosque (1999) se baseia nos dados do espanhol venezuelano. Conforme comenta Camacho (2006), pode haver diferenças dialetais no julgamento de gramaticalidade dessa sentença. Esses fatos são indícios que de a representação do falante venezuelano e dominicano para essa construção não é a mesma, o que pode indicar gramáticas diferentes.

18 Uma síntese dos dados do espanhol dominicano também pode ser encontrada em Toribio (2002).

tes zonas apresentem superficialmente a mesma construção, como ilustrado na nota 16, isso não significa que tal construção seja gerada pela mesmas gramáticas.

5. O PAPEL DA UG NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS[19]

Como comentei acima, a UG é considerada o estágio inicial do componente relevante da faculdade da linguagem no momento da aquisição de língua materna. Chomsky (1975; 2002; 2006) considera a UG como um órgão que amadurece. Desta maneira, é de se esperar que a UG em seu estado final, após a aquisição de uma primeira língua na infância, não apresente as mesmas características que a UG em seu estado inicial.

Uma longa discussão sobre o papel da UG na aquisição de línguas estrangeiras vem sendo feita. Contudo, assumo, aqui, a hipótese de falantes adultos não têm acesso pleno à UG. Poderia ser argumentado contra essa hipótese o fato de que aprendizes não ferem princípios, porém parâmetros. No entanto, se a hipótese de Liceras (apud Correa, 2007) é trazida para a discussão, pode-se dizer que o fato de os aprendizes de L2 não ferirem princípios se deve ao fato de que os princípios são inatos e que, como têm sua língua materna como referência, jamais poderão ferir princípios tendo em vista que não os ferem na sua L1. Seguindo esta hipótese, a L1 desempenha no aprendizado de L2 o mesmo papel que a UG desempenha na aquisição de L1.

Este fato é observado amplamente no ensino de línguas estrangeiras (e será discutido com mais vagar na próxima seção). Por exemplo, falantes brasileiros tendem a construir sentenças sem sujeito, inclusive nos casos de sujeito expletivo, quando aprendem inglês. Contudo, falantes brasileiros não ferem princípios (hierarquia de constituintes, vinculação, restrições sobre movimento etc) porque estes são universais e já estão intuitivamente na mente dos falantes. Sem os quais, a comunicação se tornaria impossível.

6. A TEORIA DA GRAMÁTICA E PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Esta seção tem a finalidade de proporcionar ao professor um referencial teórico que facilite o seu trabalho no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Não pretendo com esta seção propor atividades para serem utilizadas em sala com os alunos, mas uma reflexão teórica que o professor deve conhecer a fim de ter mais instrumentos no processo.

Muitas vezes, se observa que os professores de línguas utilizam uma abordagem mais intuitiva e, quando os alunos perguntam o porquê de os fatos serem de determinada maneira, os professores respondem que são daquela maneira porque

[19] Sobre esse tema, ver o trabalho de Conceição Pinto e Cavalcante nesta mesma obra. Correa (2007) faz uma síntese das propostas feitas sobre o assunto.

são assim. No entanto, se o professor tem conhecimento do referencial teórico que vem sendo argumentado ao longo deste trabalho, poderá oferecer ao seu aluno respostas mais precisas além de guiar melhor o processo de aquisição da sintaxe da língua estrangeira. A seguir, apresento alguns exemplos de divergência entre a sintaxe do PB e outras (variedades de) línguas, possíveis erros dos aprendizes brasileiros e possíveis soluções para o problema[20].

A) a realização do sujeito em português e inglês. Sabe-se que o português brasileiro, embora realize o sujeito em muitos contextos, não apresenta sujeito obrigatório e não tem sujeito expletivo, como é o caso de «it rains» do inglês. Nos contextos em que há vinculação, no português, também é possível a omissão do sujeito: «Encontrei o João e ele disse que vai viajar»; por outro lado, em inglês esta sentença exigiria a presença de «he» no lugar da lacuna em português. Diante disso, é normal que um aprendiz brasileiro tenda a omitir os sujeitos em sentenças em inglês, diferentemente de um falante nativo, que realizará sempre o sujeito.

B) a realização e a posição do sujeito em português e espanhol. Embora no português brasileiro seja permitida a omissão do sujeito, o sujeito é realizado em muito mais contextos que o espanhol, que tem a presença do sujeito pronominal predominantemente em contextos de ênfase ou contraste, além daqueles casos em que a flexão é duvidosa. O PB, ademais, apresenta uma ordem fixa de palavras/constituintes SVO; o espanhol, por outro lado, tem uma flexibilidade muito maior em relação à ordem de palavras.

C) o uso do infinitivo. O português admite o infinitivo flexionado com sujeito realizado e, mesmos nos contexto em que não há flexão, o português admite a presença de um sujeito como em «Vi os meninos fazerem a lição» e «Comprei o livro pra mim ler» respectivamente. Por outro lado, o espanhol geral não aceita nenhuma dessas construções, requerendo que a informação seja veiculada por outro tipo de estrutura com tempo finito, introduzida por uma conjunção.

D) a realização dos clíticos. O português brasileiro permite que o objeto (direto) seja ocultado em muitos contextos, principalmente nos casos de pergunta-resposta. Diferentemente, o espanhol geral requer que um pronome átono (clítico) esteja expresso a fim de ocupar o lugar do objeto do verbo nestes contextos.

E) a ordem nas interrogativas em português, inglês e espanhol. O português faz interrogativas com a ordem INT-Suj-Verb (o que você comeu?) ou Suj-Verb-INT (você comeu o que?). O espanhol e o inglês não apresentam a segunda opção de interrogativas, com o pronome interrogativo no seu lugar de base, exigindo que ele seja deslocado para a esquerda. O espanhol exige a ordem INT-Verb-Suj; já o inglês exige a inserção de um verbo suporte «do» no lugar da inversão verbo-sujeito gerando a ordem INT-do-Suj- Verb.

---

20 Os exemplos são apresentados de maneira geral, simplificada e intuitiva. Contudo, estou ciente de que há vasta bibliografia na qual são propostas descrições detalhadas dos fenômenos além de estudos comparativos entre as línguas.

F) a posição do verbo em PB e alemão. O alemão é uma língua na qual o verbo deve estar obrigatoriamente na segunda posição da sentença principal e obrigatoriamente na ultima posição da sentença subordinada. O português, pelo contrário, não faz exigências nem restrições com relação à posição do verbo na sentença.

Os exemplos acima ilustram divergências formais entre as línguas. Se o professor tem algum conhecimento da teoria gerativa paramétrica pode acionar o parâmetro em questão no seu aluno otimizando a produção discente, aproximando-a ao máximo da produção do falante nativo. Não se trata de discutir teoria gerativa, fazer representações de sentenças, propor regras de geração etc. em sala de aula com os alunos de cursos de idioma. Mas de ter claro que o parâmetro da língua materna está influenciando a produção discente na língua estrangeira e identificar qual o parâmetro está envolvido.

O processo de aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras não é o mesmo de aquisição de língua materna. O adulto não tem a mesma sensibilidade e não está em contato direto com a língua do mesmo modo que a criança. Portanto, o processo deve ser consciente. E o professor é o responsável por isso. Não basta corrigir a produção discente, mas é bem adequado tornar evidente para o aluno o ponto no qual a sua língua diverge da língua que está aprendendo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fiz uma apresentação sucinta de como a aquisição de L1 é explicada no modelo gerativista, no qual se entende que a linguagem faz parte do mundo natural e os seres humanos são dotados de uma capacidade genética, inata e específica da espécie para aquisição da linguagem. Também apresentei o modelo teórico no qual a variação entre as línguas é explicada.

A finalidade principal deste texto foi apresentar um referencial teórico que pretende explicar as diferenças e semelhanças entre as línguas humanas e oferecer ao professor um referencial que o ajude a corrigir os erros de produção dos seus alunos, observando que erro aqui é entendido como produção agramatical.

Diante deste panorama, o professor pode conscientizar os seus alunos de que as línguas divergem, proporcionar explicações menos simplistas (de que as coisas são assim porque são assim) e corrigir os erros com mais facilidade e objetividade.

BIBLIOGRAFIA

Bosque, Ignacio, 1999, «On focus vs. wh-movement: the case of Caribbean Spanish», *Sophia Lingüística*, v. 44/45, pp. 1-32.

Bosque, Ignacio; Demonte, Violeta, 1999, *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa Calpe.

Camacho, José, 2006, In situ focus in Caribbean Spanish: towards a unified account of focus, en: Sagarra, Nuria; Toribio, Almeida Jacqueline (Eds), *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*, Somerville: Cascadilla Press, pp. 13-23.

Chomsky, Noam, 2006, *UG from below*, MIT, Ms.

— 2002, *Language and the rest of the world*, MIT, Ms.

— 1995, *El programa minimalista*, Trad. Juan R. Morales, Madrid: Alianza.

— 1993, A minimalism program for linguistic theory, en: Hale, K.; Keyser, S. J. (Eds), *The view from Building 20*, Cambridge/Mass., MIT Press (citado do manuscrito).

— 1986, *Knowledge of Language: Its nature, origin and use*, New York, Praeger.

— 1975, *Reflections on language*, Nova Iorque, Pantheon.

Correa, Paulo, 2007, *A expressão da mudança de estado na interlíngua de aprendizes brasileiros de espanhol*, Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Fontana, Josep M., 1993, *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*, Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade da Pensilvânia.

Hornstein, Norbert; Nunes, Jairo; Grohmann, Kleanthes, 2005, *Understanding Minimalism*, Nova Iorque, Cambridge University Press.

Kato, Mary Aizawa, 2002, «A evolução da noção de Parâmetro», *D.E.L.T.A.*, v. 18, n. 2, pp. 309-337.

Kroch, Anthony, 2001, Syntactic Change, en: Baltin, Mark; Collins, Chris (Eds), *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, Blackwell.

Lightfoot, David, 1993, «Uma ciência da história?», *D.E.L.T.A.*, v. 9, n. 2, pp. 275-294.

Lipski, John M., 2005, *El español de América*, 4. ed, Trad. Silvia Iglesia Recuero, Madrid, Cátedra.

Mioto, C.; Figueiredo Silva, M. C.; Lopes, R.E.V., 2004, *Novo manual de sintaxe*, Florianópolis, Insular.

Pollock, Jean-Yves, 1989, «Verb movement, universal grammar, and the structure of IP», *Linguistic Inquiry*, v. 20, pp. 365-424.

Radford, Andrew, 1997, *Syntactic theory and the structure of English: a minimalist approach*, Cambridge, Cambridge.

Raposo, Eduardo Paiva, 1992, *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*, Lisboa, Caminho.

Ribeiro, Ilza, 1995, *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*, Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas.

Toribio, Almeida Jacqueline, 2002, Focus on clefts in Dominican Spanish, en: Lee, J.; Geeslin, K.; Clements, J.C. (Eds.), *Structure, Meaning, and Acquisition in Spanish*, Somerville, MA, Cascadilla Press, pp. 130-146. (citado do manuscrito)

— 2000, «Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish», *Língua*, v. 10, pp. 315-341.

— 1992, «Proper government in Spanish subject relativization», *Probus*, v. 4, pp. 291-304.